

Canal Jornalismo Periférico¹

Bruno Amaral da SILVA²

Gabriel Siqueira LOPES³

Juliana PEREIRA⁴

André Costa Branco⁵

André Azevedo da FONSECA⁶

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

O Canal *Jornalismo Periférico* é uma das ferramentas do *Coletivo Jornalismo Periférico*, criado por estudantes de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 2014. O objetivo é produzir e veicular reportagens humanizadas com trabalhadores, moradores de rua e pessoas comuns dispostas a conversar sobre as suas experiências. Para isso, empregamos o método da entrevista em profundidade para favorecer a compreensão da realidade social a partir das histórias de vida dos próprios entrevistados. O resultado é um acervo de mais de 40 vídeo-reportagens com acesso aberto no YouTube, que buscam abordar, com sensibilidade social, um conjunto de temas e de personagens tradicionalmente desprezados pela cobertura jornalística da grande imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Vídeo-reportagem; Entrevista em profundidade; História de Vida; YouTube

1 INTRODUÇÃO

A periferia das grandes metrópoles brasileiras possui um estereótipo extremamente pejorativo no imaginário do nosso país. Durante a década de 1990, alguns de seus bairros eram chamados de Bósnia Brasileira (RODRIGUES, 2013). Podemos citar também os exemplos das imagens associadas a Vigário Geral, no Rio de Janeiro, e Capão Redondo, situado na zona sul de São Paulo, cujos nomes são imediatamente associados e reduzidos a ocorrência de chacinas.

Na mesma década em que a periferia era representada quase que exclusivamente como um antro de violência, as próprias comunidades se levantaram para encarar o “centro”

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade Produção Audiovisual para mídias digitais

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º Ano do Curso de Jornalismo. email: jornalismoaperiferico@gmail.com

³ Estudante do 4º Ano do Curso de Jornalismo email: jornalismoaperiferico@gmail.com

⁴ Estudante do 4º Ano do Curso de Jornalismo email: jornalismoaperiferico@gmail.com

⁵ Estudante do 4º Ano do Curso de Jornalismo email: jornalismoaperiferico@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Depto. de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina email: andre.azevedo@uel.br

que tentava excluí-las da sociedade. A afirmação da periferia como ente autônomo, dotado de sua própria cultura, e não mera reprodutora de valores e estéticas impostas longe dali, não foi acompanhada pela mídia tradicional. Pelo contrário. Os meios de comunicação, em geral, reagiram com uma aversão preconceituosa.

Aos veículos tradicionais de comunicação interessou mais reforçar o estigma da violência pelo tráfico de drogas. Essa prática está associada, por um lado, à ascensão dos programas policiaiscos, sem comprometimento algum com o jornalismo ético; e por outro, com a comunicação popular e comunitária, que enviesam as grades da maioria das emissoras.

De um lado, temos as periferias econômicas, repletas de desvalidos, marginalizados e miseráveis; de outro lado, vemos as periferias-centrais das redes digitais, as tribos e suas subculturas que, felizes em participar do não-lugar do ciberespaço, alienam-se das contradições da indústria da comunicação. (PERUZZO, 2012, p. 91).

Da alienação e da contradição entre o que a periferia vive e sua imagem propagada pela sociedade nasceu uma revolta, contestadora e legítima. Nesta revolta, as armas de combate são as armas de cultura. Foi germinada na periferia, em várias frentes, uma cultura assumidamente marginal. Na literatura, nas artes visuais, no grafite, na capoeira, na música, na poesia. A comunicação popular, até então associada a uma perspectiva exclusivamente contestatória, passou a abranger conteúdos mais pluralistas. (FONSECA, 2011).

O Jornalismo Periférico vislumbrou, neste espaço emergente e efervescente, a oportunidade para a produção de reportagens e material informativo dos arrabaldes, dos anônimos, dos bairros distantes. Não só as pautas, mas também a estética e a distribuição das reportagens deveria experimentar novos formatos, cunhar uma linguagem original, marcando terreno no midialivrisimo. O personagem do Jornalismo Periférico levanta sua voz sem disputar espaço com a interferência do repórter, um enquadramento da realidade. O real é a voz – soberana – do personagem periférico.

2 OBJETIVO

O objetivo do Canal Jornalismo Periférico é veicular uma produção jornalística humanizada a respeito das questões das periferias metropolitanas. Produzimos reportagens originais para contar as histórias de personagens frequentemente desprezados pelas mídias tradicionais, incentivando a pluralidade dos mais variados discursos presentes na sociedade. O coletivo já conta com trabalhos produzidos nas cidades de Londrina (base do projeto); Cambé; Ibitiporã; Apucarana; Rolândia; Curitiba; São Paulo e São José do Rio Preto.

3 JUSTIFICATIVA

O projeto Jornalismo Periférico surgiu da reflexão de um grupo de estudantes de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL) sobre a atual situação da linha editorial da mídia corporativa. Durante as aulas de Telejornalismo, ainda em 2015, o grupo percebeu as lacunas dentro da produção audiovisual feita tradicionalmente. Decidimos desenvolver o projeto para experimentar práticas jornalistas mais humanizadas e coerentes com as necessidades dos novos tempos. Desde então realizamos um conjunto de entrevistas de onde extraímos histórias de vida capazes de oferecer referências universais para refletir sobre questões das periferias metropolitanas.

Para desenvolver o projeto, identificamos o seguinte problema: quando se ouve falar em periferia, cria-se uma associação direta à ideia de violência, de marginalização. De fato, a periferia está à margem da sociedade, que nega seus direitos básicos, como saúde e educação, por exemplo. O que era uma mecânica unidirecional, da marginalização por cima, a partir dos centros do poder, passou a ser assumido e reproduzido pela periferia como modo de vida.

Contudo, a mesma comunicação que cria estereótipos também pode promover emancipação. Mas ela não consolida conquistas sozinha, como afirma Peruzzo:

Nas experiências de caráter popular-comunitário, a finalidade, em última instância, é favorecer a auto-emancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social. Contudo, há que se dizer que a Comunicação não faz nada sozinha. Trata-se de processo de mobilização e de vínculo local sintonizados a programas mais amplos de organização-ação que privilegiam a

Educomunicação e o atendimento às necessidades concretas de segmentos populacionais de acordo com cada realidade. (PERUZZO, 2008, p. 4).

O projeto pedagógico do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL) propõe a formação de um jornalista “capaz de atuar como uma reflexão, e não como um mero reflexo da sociedade”. Assim, a formação estimula o profissional habilitado a realizar uma crítica “sobre si mesmo, sobre seu tempo, suas responsabilidades e seu papel no novo clima cultural de sua época.” (FONSECA, 2014).

Portanto, o Jornalismo Periférico, projeto que nasceu inspirado pelas aulas de Telejornalismo e que vem conquistando a sua autonomia e sua independência, é uma afirmação desse jornalismo humanizado e preocupado em contribuir com a reflexão social.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O coletivo Jornalismo Periférico utiliza técnicas de entrevistas jornalísticas que se aliam ao processo documental (seja em texto ou em imagens audiovisuais) tendo como base Carlos Vicchiatti (2005) e Carla Mühlhaus (2007), entre autores já consagrados que também amparam as técnicas de produção da notícia, como Nilson Lage (2001; 1996), por meio das premissas básicas do jornalismo: a entrevista e a investigação. Assim como Mühlhaus (2007), acreditamos que “não há jornalismo sem entrevista. A afirmação pode parecer radical numa primeira leitura e até mesmo na segunda, mas o fato é que na raiz da reportagem está, inegavelmente, a milenar arte de fazer perguntas”. (MUHLHAUS, 2007, p.15)

Ao mesmo tempo, Vicchiatti nos alerta sobre o “jornalismo de resultados”, aquele que gera imprecisão a partir da voracidade em informar a qualquer preço. O autor destaca que a sensibilidade constante e a atenção aos detalhes são itens necessários e obrigatórios numa entrevista. Resumindo, uma produção pode ser desastrosa quanto “o jornalista não leva em consideração que numa mensagem subliminar pode estar uma preocupação latente de toda uma coletividade”. (VICCHIATTI, 2005, p. 23).

O depoimento e a construção de perfis também são peças importantes tanto na produção de boas reportagens quanto de bons documentários. Autores como Bil Nichols (2005) e Fernão Pessoa Ramos (2008) mostram diversos modos e campos que configuram

este tipo de produção audiovisual, embora o objetivo seja o mesmo para ambos: o estímulo à “epistefilia (o desejo de saber) do público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, que prometem informação e conhecimento, descobertas e consciência”. (NICHOLS, 2005, p. 70).

Entre os “seis modos principais de fazer cinema documentário” (NICHOLS, 2005, p. 62-63), o Jornalismo Periférico optou por utilizar os modos *expositivo* (que enfatiza o comentário verbal em uma lógica argumentativa) e o *observativo* (que mostra o engajamento direto das pessoas que representam o tema a ser documentado). Como conceito, usamos a afirmação de Ramos que sentencia:

O documentário constitui uma forma narrativa que é geralmente fruída na unidade de uma extensão temporal determinada. Em outras palavras, *as vozes* que enunciam no documentário pertencem a um conjunto discursivo orgânico que estamos chamando de narrativa. (RAMOS, 2008, p. 58, grifo nosso).

Ao tratar de discursos orgânicos, voltamos mais uma vez a Muhlhaus (2007) que destaca a entrevista focada como aquela em que o jornalista deixa que “a conversa se desenrole livremente, de maneira que o entrevistado libere toda a sua experiência pessoal sobre o problema que lhe é apresentado” (MUHLHAUS, 2007, p.17).

As nossas reportagens são produzidas com um olhar documentarista, pelo fato de acreditarmos que essa é a melhor maneira de tratar de alguns temas e fazer a sociedade refletir. Esse projeto propõe um olhar mais humanizado sobre o mundo e tem como a principal base a difusão de histórias.

Acreditamos na correlação entre reportagem e documentário, mas não dentro do formato televisivo tradicional, engavetado em horários específicos que determinam prazos de validade para as produções audiovisuais. Nossas produções seguem as premissas de Ramos (2008, p. 59), pois, “ao contrário da reportagem do programa telejornal, o documentário não está vinculado a acontecimentos cotidianos de dimensão social que denominamos notícia”.

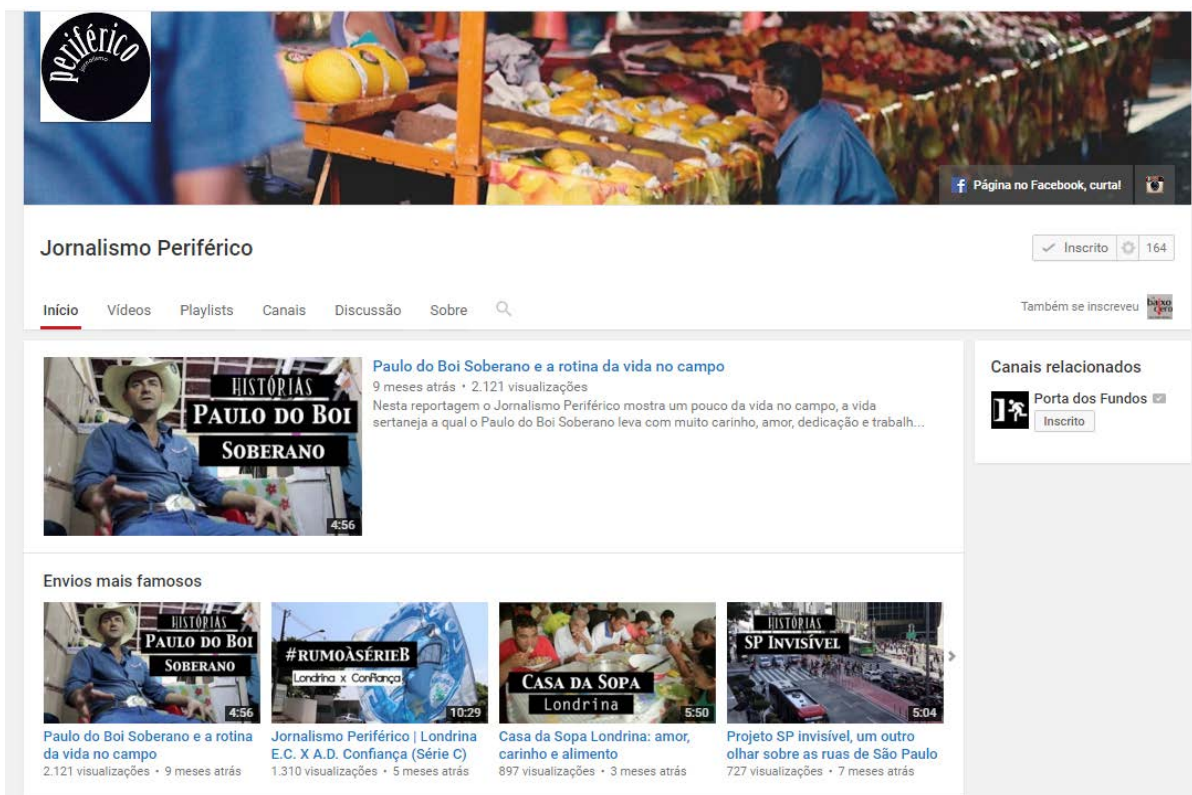
Parece conflitante tal desvinculação, mas acreditamos que nossa notícia não é o factual datado nem o exótico (o “homem que morde o cachorro”, como ilustram muitas anedotas), mas aquilo que é corriqueiro, o dia a dia, a rotina dos anônimos. Histórias que não são contadas nem consideradas pela grande mídia, mas são necessárias e podem desencadear uma reflexão baseada nas periferias da vida, que, em nosso entendimento, é a base daquilo que chamamos de cidadania.

Muitas vezes usamos o formato texto-legenda em fotografias tomadas nas ruas e bairros. Em outros momentos trabalhamos com o registro em vídeo, seja de um personagem ou de um espaço comunitário (albergue, casa da sopa, vilas culturais, etc.). Documentos importantes para a identidade cultural e social da região de Londrina, ainda em fase de produção, também são objetivos do nosso trabalho, na forma de séries (feiras livres urbanas, histórias dos distritos de Londrina). Ainda cabe na nossa proposta abordar temas em pauta pela mídia tradicional assimilados ao nosso olhar. O Jornalismo Periférico operou, por exemplo, coberturas de protestos políticos nas cidades de São Paulo, Curitiba e Londrina.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O Jornalismo Periférico é um canal no YouTube de acesso livre, com um acervo de mais de 40 vídeo-reportagens sobre temas comuns da periferia.

O canal está disponível no endereço: <http://bit.ly/jornalismoperiferico>



The image shows a screenshot of the YouTube channel 'Jornalismo Periférico'. At the top, there is a banner image of a market stall with lemons and a person. Below the banner, the channel name 'Jornalismo Periférico' is displayed, along with a 'Inscrito' button and a subscriber count of 164. The navigation menu includes 'Início', 'Vídeos', 'Playlists', 'Canais', 'Discussão', and 'Sobre'. A search icon is also present. Below the navigation, there is a featured video titled 'Paulo do Boi Soberano e a rotina da vida no campo' with a duration of 4:56 and 2,121 views. To the right, there is a 'Canais relacionados' section featuring 'Porta dos Fundos'. Below the featured video, there is a section titled 'Envios mais famosos' which displays a grid of four video thumbnails: 'Paulo do Boi Soberano e a rotina da vida no campo', '#RUMOASÉRIEB Londrina x Confiança', 'Casa da Sopa Londrina: amor, carinho e alimento', and 'Projeto SP invisível, um outro olhar sobre as ruas de São Paulo'.

6 CONSIDERAÇÕES

Muito além do resultado, as produções do Canal Jornalismo Periférico, o crescimento individual de cada envolvido aumenta a cada dia. Reconhecemos que, como estudantes, ainda temos um longo caminho a trilhar e muita coisa para aperfeiçoar, mas acreditamos que a modalidade de jornalismo alternativo pode ser consolidada graças ao desempenho de pessoas engajadas como esse grupo, e também graças às tecnologias que cada vez mais reforçam e facilitam a vida de pessoas interessadas em fazer o verdadeiro jornalismo. Jornalismo com função social, jornalismo de rua, jornalismo participativo.

Não existe aula maior de comunicação do que a vivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, André Azevedo da. A comunicação nos movimentos sociais: do panfleto de protesto à educação para a cidadania. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM), Maringá, v. 11, n. 126, p. 67-71, 2011.

FONSECA, André Azevedo da. A pedagogia de Paulo Freire e o projeto pedagógico de Jornalismo. *Rebej*, Brasília, v. 3, p. 168-184, 2013. Disponível em: <<http://www.fnpi.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/330/205>>. Acesso em 17 abr 2016.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

_____. **A estrutura de notícia**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1996.

MÜHLHAUS, Carla. **Por trás da entrevista**. São Paulo. Editora Record, 2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PERUZZO, Cicília Krohling. **Desafios da Comunicação Popular e Comunitária na Cibercultur@: Aproximação à proposta de Comunidade Emergente de Conhecimento Local**. *Revista Ciberlegenda*. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/desafios_da_comunicacao_popular_e_comunitaria_na_cibercultur.pdf> . Acesso em 17 abr 2016.

_____. **Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. *Anais... XXXI Intercom*. Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>>. Acesso em 17 abr 2016.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Ed. SENAC, 2008.

RODRIGUES, Guilherme do Nascimento. **Discurso, ações e territorialidade do grupo cultural Afroreggae.** Revista Geonorte, Edição Especial nº 3. Manaus: UFAM, V.7, N.1, 2013. Disponível em: <<http://www.revistageonorte.ufam.edu.br/index.php/edicao-especial-3-geografia-politica>>. Acesso em 17 abr 2016.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social.** São Paulo: Paulus, 2005.